



CONSCIÊNCIA ECONÔMICA PARA A ÉPOCA DA PÁSCOA:

UMA NOVA POSSIBILIDADE DE
INICIAÇÃO PARA O SER HUMANO

POR
RODRIGO VENTRE





Será possível e lícito falar de Dinheiro e Economia e de Cristo e Espiritualidade?

Muitas vezes estes temas soam em nossa alma como uma música estranha ou conflituosa e é exatamente nos aparentes conflitos e paradoxos da vida que moram seus maiores segredos e aprendizados. Nos últimos anos tenho me dedicado especialmente a este tema do dinheiro e da economia, trabalhando de forma prática com as pessoas, empreendedores, empresas e organizações do terceiro setor. Para tanto busquei e tenho buscado inspiração na Antroposofia e no seu ilustre fundador, Rudolf Steiner, que foi um grande pensador econômico, mesmo que ainda não tão reconhecido como tal no meio formal e acadêmico, mas que no futuro suas contribuições na área econômica certamente serão mais conhecidas, discutidas e experimentadas.

Neste momento, trataremos de um tema que possui um caráter ao mesmo tempo profundo, esotérico e de implicações práticas e tangíveis em nossas vidas. Neste sentido, proponho começar este artigo provocando uma ampliação da nossa visão sobre o significado oculto do dinheiro e da economia. Na antroposofia usamos comumente o conceito das três faculdades da alma: o pensar, o sentir e o querer. Rudolf Steiner em algumas passagens, e aqui vou citar especificamente a palestra “A oitava esfera” – GA 203, onde ele relaciona cada uma das três faculdades da alma com o nosso estado de consciência da seguinte forma: o pensar com o estado de “acordado”, o sentir com o estado de “sonho” e o querer com o estado de “sono profundo”. Para entender isto, basta você leitor fazer o seguinte exercício: em que você está pensando agora ou pensou nos últimos trinta segundos? O que você está sentindo neste momento? O que você quer? Qual é o seu querer mais profundo?

Através deste simples exercício não é difícil perceber que a faculdade da qual temos menos consciência é o nosso próprio querer. Quando estamos lidando com a economia, lidamos com este “querer”, independente do quão inconsciente estamos ou não das verdadeiras razões e impactos de nossas ações econômicas. Nesta mesma palestra citada acima, Rudolf Steiner nos dá outra indicação, ao falar sobre o ser espiritual dentro de cujo seio se encontra a vida volitiva (o querer) do ser humano. Ele indica que participamos da vida cósmica deste ser quando estamos em estado de sono e que no exercício da nossa vontade somos parte deste grande organismo cósmico. Que é este ser cósmico-espiritual? São os Elohim ou “Espíritos da Forma” (como o próprio Rudolf Steiner os denominou), que são conhecidos também como Potestades.

Com isto podemos concluir que ao lidarmos com o dinheiro e a economia estamos lidando com forças poderosas e isto não seria difícil demonstrar se observarmos o poder da economia hoje na vida e na sociedade.

Ocorre que isto ainda é muito inconsciente para nós seres humanos, “dormimos” em relação às forças que agem através do dinheiro e na economia. Pode-se dizer que somos muito mais “dirigidos” ao lidar com o dinheiro do que propriamente “dirigentes” da nossa própria economia.

Neste ponto quero fazer um apelo ao leitor que considero de especial importância, pois um dos grandes riscos que vejo ao lidarmos com o tema da economia é colocarmo-nos em uma posição de simples observadores e “vítimas” de uma situação da qual não entendemos, sentimo-nos impotentes, como se não fizéssemos parte e da qual não somos responsáveis. E provavelmente é aí que mora o risco, o problema e a solução.



O apelo é para que lembrem que quando falo em economia, não estou falando de um ente exterior a cada um de nós e que cabe somente ao governo, aos bancos e aos economistas. Estou me referindo também a cada um de nós como co-criadores e influentes na economia, pois somos todos de uma forma ou de outra, produtores, consumidores, credores, investidores etc.

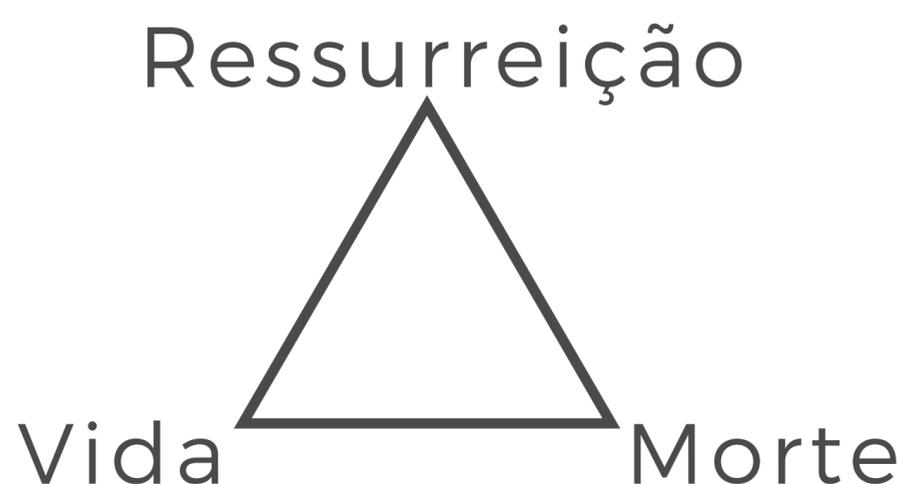
Vou citar aqui dois pensamentos de Rudolf Steiner que ajudam a elucidar este assunto, no primeiro, ele diz: Eu conheci várias pessoas que acham entediante se familiarizar, por exemplo, com procedimentos bancários, ou a bolsa de valores ou com a contabilidade de única ou dupla entrada. Mas esta nunca é a atitude correta. Isto simplesmente significa que ainda não foi encontrado o ponto onde o assunto inflama em interesse. Uma vez que este ponto é encontrado, até mesmo um seco livro-caixa pode tornar-se tão interessante quanto a “Dama de Orleans” de Schiller ou “Hamlet” de Shakespeare ou qualquer outra coisa – até mesmo a “Madona Sistina” de Rafael. É somente uma questão de encontrar o ponto onde cada coisa na vida torna-se interessante. (Compilação de palestras na forma de livro em inglês intitulado “Lucifer and Ahriman” - 2ª palestra - Dornach, 02 de novembro de 1919).

Ele diz ainda no “Aspecto Interior do Enigma Social” que consta no GA 193, de 1919: A respeito do presente e futuro temos que dizer: em tempos antigos, o ser humano se relacionou com a vida econômica de forma instintiva.

Agora esta ligação com a vida econômica deve ser mais consciente. Assim como o ser humano aprende na escola a tabuada e outras matérias, ele deve aprender na escola as coisas ligadas à vida, sobre o organismo social e econômico. O ser humano deve poder se sentir um membro de um organismo econômico. É certo que para muitas pessoas isto incomoda, que hábitos do seu pensar e sentir devem ser mudados. Se hoje alguém não sabe quanto é 3×9 , ele será considerado inculto. Em certos círculos, alguém pode ser considerado inculto se não conhece Rafael ou Leonardo, mas, em geral, ninguém será considerado inculto se não souber explicar o que é capital, o que é a relação da produção com o consumo, o que é crédito etc.

Como estas contribuições e citações de Rudolf Steiner a da Antroposofia podem nos ajudar a entender a relação entre o Cristo, a Páscoa, a Economia e o Dinheiro?

A Páscoa nos remete à Vida, Morte e à Ressurreição, neste sentido quero deixar a seguinte imagem:



Morte e vida são dinâmicas de um mesmo plano, por mais que a vida e seus eventos muitas vezes nos pareçam como um grande enigma e a morte até mesmo como um tabu ainda incompreendido. Já a ressurreição está em outro plano, esta parece ser o grande mistério do cristianismo profundo: como pôde o Cristo “vencer a morte”?

Como podemos utilizar isto para refletir sobre a economia e nossa relação com ela?

Tememos e não entendemos a morte, assim como tememos e não entendemos a economia. Como nas palavras de Rudolf Steiner acima citadas (...) em tempos antigos, o ser humano se relacionou com a vida econômica de forma instintiva. Agora esta ligação com a vida econômica deve ser mais consciente.

Atualmente a vida econômica muitas vezes toma o “lugar instintivo” onde no passado esteve a natureza, à qual temíamos e não entendíamos. Não sei se hoje podemos dizer que de fato já entendemos a natureza, mas aprendemos, ao menos tecnicamente, a dominá-la.

A este respeito William Bloom em seu livro “Dinheiro, Coração e Mente” diz: Nós não entendemos a economia, nem mesmo os “especialistas” a entendem. Nós temos um medo primal dela, assim como os antigos temiam a natureza.

A verdade é que na sociedade de consumo atual, quer gostemos ou não, um indivíduo sem dinheiro pode morrer e este fato faz com que nossa relação com o dinheiro e a economia acesse profundos lugares de nossa alma.



Agora aprofundemos nossa visão sobre a relação da morte com o dinheiro e vice-versa. Existem, ao menos, quatro grandes tipos de evento que abalam nossa relação com o dinheiro:

- Acidentes ou catástrofes naturais de grande impacto. Imagine que você está em um navio prestes a naufragar, qual seria o valor do dinheiro neste exato momento? Momentos onde a busca pela manutenção da vida se torna premente tendem a mudar completamente a nossa relação com o valor do dinheiro;
- Momentos de crise nos sistemas que regem a economia. Podemos tomar como exemplo a mais recente crise do sistema financeiro de 2008 que parece dar seus primeiros sinais de que o sistema não é infalível. O que abala algo ainda mais profundo, o nosso medo pela perda da sensação de segurança e estabilidade que buscamos através do dinheiro.
- No caso da morte de um ente querido. Quantos não estão dispostos e já sacrificaram bens e recursos materiais na busca pela manutenção da vida de um ser próximo amado?
- Existe ainda um quarto, que não depende unicamente de nenhum fator externo, embora possa ser provocado pelo mesmo. É o que podemos chamar do despertar da consciência econômica.

Este despertar pode suscitar diferentes experiências e imagens interiores conforme cada momento e indivíduo. É um processo gradual, a cada momento é um novo despertar. Mas existe de fato aquele primeiro momento quando sentimos que saímos da dormência humana vigente em relação ao organismo econômico. No meu caso, esta “iniciação” foi durante a época da faculdade, eu estudava algo relacionado com economia e de repente percebi o seguinte: “o dinheiro não tem vida própria!”, naquele exato momento uma série de experiências, pensamentos e sentimentos interligados passaram em poucos segundos sobre a minha “tela anímica” que me permitiram entender uma série de coisas. Eu percebi que em algum lugar interno eu imaginava o dinheiro como um “ser diabólico” que por si mesmo fazia todos os dias coisas terríveis e como seu eu fosse, de certa forma, vítima dele.

Mais do que este tipo de experiência interna, o que Cristo espera de nós em relação à economia e ao dinheiro são os Atos Econômicos de Amor e Consciência, quando “enganamos o sistema” vigente a partir dele mesmo.

São atos, como os do Cristo, em micro ou macro-situações que reverberam para toda a humanidade. Através do que decidimos consumir ou não consumir, produzir ou não produzir, como negociamos, decidimos e exercitamos este alto grau de livre-arbítrio que nos é concedido hoje através do dinheiro que utilizamos ou deixamos de utilizar.

Ou ainda através do que decidimos criar na economia. Hoje já existem muitos exemplos de grupos e de empreendedores que utilizaram do próprio sistema para criar novas formas econômicas, tais como associação de produtores, de consumidores, cooperativas de crédito, organizações de micro-crédito, bancos éticos ou antroposóficos, fundações ou associações sérias e estruturadas etc.

A economia é um organismo visceral e muito mais vivo e interligado do que normalmente imaginamos. O impacto da ação de cada ser humano no todo e vice-versa é tremendo quando olhado a partir de uma perspectiva superior-espiritual.

Através do ato da ressurreição, Cristo permitiu que uma nova realidade estivesse disponível para toda a humanidade. Este é o grande milagre-segredo do cristianismo quando olhado sob o ponto de vista esotérico. E Cristo o fez de forma que pudesse ser visível e conhecido por toda a humanidade, não foi um ato invisível ou marginal à sociedade da época.

Se levarmos isto à economia, podemos ser como “pequenos cristos”, representantes do Grande Ser Cristo, onde podemos atuar dentro do sistema, escolhendo, criando e participando de forma consciente de novos atos e organizações econômicas que atuam verdadeiramente em prol do Amor na Terra. Esta é a Nova Economia.



E como podemos nos trabalhar e nos preparar para isto no sentido anímico? Para tanto apresentarei aqui a minha idéia sobre a economia trimembrada e sua relação com a alma humana. Podemos entender a economia em três principais dimensões:

- O Pensamento Econômico e tudo o que está ligado ao mesmo, teorias, crenças, ideologias etc. Ou seja, a força do próprio Espírito atuando na economia;
- O Dinheiro, como o elemento que movimenta e dá vida à economia, ou seja, a Alma da Economia;
- A Contabilidade da economia em todas as suas formas: contabilidade financeira e gerencial, projeções financeiras etc. Enfim tudo o que dá forma e Corpo à Economia.

Como trabalhar estas três dimensões na alma humana? Como Rudolf Steiner diz, os hábitos de nosso pensar, sentir e querer devem ser mudados:

No pensar trabalhamos nosso pensamento econômico levado à prática. Você já pensou sobre qual é a “lógica econômica” que você utiliza para planejar e agir na economia?

No sentir trabalhamos a nossa relação com o dinheiro. Quais são as suas crenças a respeito do dinheiro? O que o dinheiro provoca em você? O que o dinheiro representa para você?

No querer exercitamos as nossas finanças. Como estão as suas finanças? Você já parou para organizar as suas finanças e olhar onde e quanto ganha, gasta, investe, empresta, recebe e doa?



Em nosso trabalho destes últimos 07 anos com pessoas, grupos e organizações de todas as áreas e portes culturais e econômicos, temos utilizado destas ferramentas e tido a chance de testemunhar transformações que até hoje às vezes nos espantam. O processo de aprofundamento na consciência econômica é uma possibilidade de um novo viés ou aspecto dentro do caminho de iniciação, um caminho de autoconhecimento através da economia. Creio que por atuar em âmbitos viscerais e profundos do ser, este caminho possui um poder de atuação e transformação para as mais diversas áreas da vida, como tenho testemunhado, de forma que este “despertar para uma nova consciência econômica” pode influenciar nossa relação com o futuro, o tempo, o social, a família, o trabalho e o próprio sentido e significado da vida. É uma experiência de morte em vida e de renascimento. É quando algo muito profundo e precioso pode ocorrer dentro de nós, quando nos é dada a chance de abrirmos mão do medo e do controle que tanto nos assola e através dos quais as forças adversas atuam em nossas almas. É um trabalho interno muitas vezes árduo e profundo e, ao mesmo tempo, que pode ser extremamente libertador. Um caminho da Cruz às Alturas.

Certa vez ouvi uma citação de um consultor antropósofo alemão sobre uma fala de Rudolf Steiner a qual dizia que atualmente somente podemos encontrar verdadeiramente o outro através da economia. Posso dizer que já testemunhei isto diversas vezes, por exemplo, através de famílias, casais e organizações que a partir de uma crise financeira se integram e ganham força ou se desintegram e se separam. Através da economia o oculto se revela de forma explícita. Este processo de morte interior é principalmente a morte da ilusão que buscamos na economia, que ela possa nos dar a tão almejada segurança e estabilidade. Mas este não é o propósito da economia.

Micro e macro-economias baseadas neste paradigma não se sustentam e não se sustentarão no longo prazo como já podemos ver e como veremos no futuro. A economia, em sua natureza, é etérica. Neste sentido inspiro-me em um trecho de um poema do poeta brasileiro Thiago de Mello: Como um rio (...) mudar em movimento, mas sem deixar de ser o mesmo ser que muda. Como um rio. Assim é a economia, qualquer proposição que não leve em consideração esta dinâmica são meras suposições e criações intelectuais que estão fadadas ao fracasso. Lidar com o dinheiro e a economia requer esta sabedoria.



Ajudar no processo de espiritualização da economia requer utilizarmos o dinheiro cada vez menos como instrumento de controle, ilusão, dominação e apego aos outros, a nós mesmos e à vida. Migrando e arriscando cada vez mais o seu uso à serviço da vida, do outro e do nosso propósito de vida.

Quanto mais trilharmos este caminho, mais próximos estaremos do Cristo e da construção de uma futura economia de fraternidade, a economia do amor, a “Economia do Cristo”.

O dia em que a economia se tornar uma verdadeira economia do amor, ela não mais precisará existir da forma como é hoje, neste dia futuro ela de fato morrerá e renascerá de outra forma, pois neste dia o ser humano haverá entendido verdadeiramente o significado prático da palavra Fraternidade, da comunhão humana fraterna na Terra.

Rodrigo Ventre

